

---

## OS DISCURSOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO CORREIO DE ARACAJU (1906-1914): PERSPECTIVAS DA PESQUISA QUALITATIVA

GUIMARÃES, Alice Batista<sup>1</sup>  
SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de<sup>2</sup>

---

Recebido (Received): 25/07/2023 Aceito (Accepted): 30/08/2023

Como citar este artigo: GUIMARÃES, A.B.; SOUZA, A.C.B. Os discursos de violencia contra a mulher no correio de Aracaju (1906-1914): perspectivas da pesquisa qualitativa. **Geoconexões online**, v.3, n.2, p.22-34, 2023

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo destacar a natureza qualitativa da pesquisa sobre os discursos de violência contra a mulher presentes no jornal Correio de Aracaju, abrangendo o período entre os anos de 1906 e 1914. A abordagem metodológica adotada será a análise do discurso, dando prioridade à análise de frases, anedotas, crônicas, contos e, quando possível, notícias que contenham representações sobre as mulheres, assim como discursos relacionados à violência. O referencial teórico adotado inclui o conceito de representação, conforme trabalhado por Chartier (1991; 2002) e Pesavento (2007); a perspectiva de gênero, conforme apresentada por Scott (1990); e o entendimento da violência, baseado nas abordagens de Bourdieu (2021) e Chauí (1985). Considerando a abordagem qualitativa adotada, a bibliografia utilizada inclui obras de Demo (1998), Gil (2010), Gill (2015), além de Lefèvre e Lefèvre (2003).

**Palavras-chave:** História das mulheres, gênero, violência, Correio de Aracaju, pesquisa qualitativa.

### Discourses of Violence Against Women in the Correio de Aracaju (1906-1914): Perspectives from Qualitative Research.

#### ABSTRACT:

This article aims to emphasize the qualitative nature of the research on discourses of violence against women in the Correio de Aracaju newspaper, covering the period between 1906 and 1914. The methodological approach to be used will be discourse analysis, prioritizing phrases, anecdotes, chronicles, stories, and whenever possible, news items that contained representations of women as well as discourses on violence. The theoretical framework includes the concept of representation, as elaborated by Chartier (1991; 2002) and Pesavento (2007); gender, as brought forth by Scott (1990); and violence, from the perspectives of Bourdieu (2021) and Chauí (1985). In consideration of the qualitative perspective to be adopted, the bibliography used comprises writings by Demo (1998), Gil (2010), Gill (2015), as well as Lefèvre and Lefèvre (2003).

**Keywords:** Woman's history, gender, violence, Correio de Aracaju, qualitative research

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande (PPHG/UFCG). E-mail: [aliceguimaraes07@gmail.com](mailto:aliceguimaraes07@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8104-7198>

<sup>2</sup> Doutor em História Pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor do Programa de Pós-graduação em História da UFCG (PPGH/UFCG). E-mail: [antonioclarindo2018@gmail.com](mailto:antonioclarindo2018@gmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8627-5432>

## Introdução

Este artigo se delinea nos esforços iniciais para a pesquisa voltada para o estudo dos discursos de violência contra a mulher no jornal Correio de Aracaju, entre os anos de 1906 e 1914. Visa-se, aqui, evidenciar o caráter qualitativo destes estudos a partir da apresentação da metodologia a ser aplicada para a análise dos trechos do jornal. Pretende-se, portanto, trabalhar com a análise do discurso, a fim de identificar a violência contida neles e como se dá sua relação com as representações tidas, naquele momento histórico, em relação às personagens femininas.

Como base teórica para pensar estas questões, tem-se a perspectiva da História Cultural a partir de Roger Chartier (1991; 2002) e o conceito de representações coletivas — também trabalhado por Sandra Pesavento (2007), o qual dialoga perfeitamente com o conceito de gênero, trazido por Joan Scott (1990). Para entender violência, utilizamo-nos da perspectiva teórica de Pierre Bourdieu (2021) e de Marilena Chauí (1985) — esta última que, inclusive, aborda mais especificamente a questão da violência direcionada à mulher.

A fim de tratar do caráter qualitativo da pesquisa, nos valeremos dos trabalhos de Antônio Carlos Gil (2010) e Pedro Demo (1998), que trazem perspectivas mais gerais no que se refere à elaboração de projetos e aplicação de métodos de pesquisa qualitativa. Rosalind Gill (2015) juntamente a Lefèvre e Lefèvre (2003) tratarão, por sua vez, de aspectos relativos à análise do discurso e os procedimentos para conseguir realizá-la.

Almeja-se, com este artigo, apontar a relevância do uso de métodos qualitativos para o estudo da História e, mais especificamente, da História das Mulheres, compreendendo que esta disciplina não mais se encontra presa ao estudo de dados e à investigação de documentos oficiais, além de que há múltiplas perspectivas e temáticas a serem consideradas no fazer historiográfico. Assim, pretende-se apresentar as ideias e categorias analíticas essenciais à História das Mulheres, a relação da pesquisa qualitativa com a produção historiográfica realizada atualmente e a relevância do uso dos jornais como fontes históricas, passíveis de serem analisados a partir de uma perspectiva qualitativa. Ao final do artigo, há ainda um exemplo prático de como a metodologia em questão pretende ser aplicada ao longo de toda a pesquisa, evidenciando o uso dos conceitos e sua relação com a bibliografia auxiliar, a ser utilizada para caracterizar o contexto da temporalidade analisada e os seus efeitos nas práticas discursivas.

### **Mulheres e discursos de violência: a pesquisa e suas intencionalidades**

A história das mulheres é prática e temática relativamente recente. Com as novas perspectivas trazidas pelos Annales, bem como o esforço empreendido pelo movimento feminista nos anos 1960, este campo começou a ser explorado, inicialmente partindo da categoria “mulher”, mas em seguida reconhecendo a pluralidade destas sujeitas em termos de condição social, etnias, raças, crenças, sexualidades etc (SOIHET, 2007). Esta nova perspectiva promove não só uma maior diversidade de abordagens possíveis e necessárias para uma História abrangente e que se atente às particularidades, mas também desfaz a ideia de que a mulher é uma só, independentemente de onde esteja, de que posição social ocupe, de que raça seja. Combate-se, portanto, uma perspectiva que normalmente provém de uma classe branca, cristã, heterossexual e patriarcal, e que pouco ou nada dialoga com as vivências dos outros sujeitos sociais.

O conceito de gênero, por sua vez, tenta aprimorar ainda mais estes estudos, evitando a utilização de termos como “sexo” e “sexo biológico”, uma vez que estes teriam a posição determinista de separação entre feminino e masculino, que se estenderia às práticas culturais. Gênero, portanto, passa a indicar as construções sociais e o conjunto de normas que definem o ser homem e o ser mulher, segundo Heleieth Safiotti (2015). Estas determinações seriam, como aponta Joan Scott (1990), elaboradas e reproduzidas pelas instituições sociais públicas e privadas, não se restringindo ao campo do doméstico, e partindo das diferenças biológicas existentes entre os sexos para legitimar os discursos produzidos. Esta nova perspectiva, colocando o conceito de gênero no centro da discussão, permite a desnaturalização de discursos e práticas sociais de diferenciação, possibilitando, também, uma ampliação das possibilidades de análise voltadas para a história das mulheres.

Antes desta expansão proposta pela história das mulheres, a disciplina História tinha uma visão que se limitava aos grandes acontecimentos políticos e bélicos, que geralmente envolviam os ditos *grandes homens*: reis, generais, imperadores... Entende-se que tanto esta carência de abordagens sobre a mulher, quanto a primazia de perspectivas que reforçam estereótipos construídos sobre elas deriva justamente da condição apontada por Simone de Beauvoir (2019): a mulher é entendida como o Outro em relação ao Sujeito, que é o homem. Isto quer dizer que a perspectiva orientadora da sociedade parte sempre do masculino, o qual se coloca como essencial, como completo, e estabelece valor negativo a tudo aquilo que ele não quer ser. Neste sentido, a mulher, em sua posição de Outro, é inessencial, incompleta, e tudo aquilo que o homem não é e não quer ser. Assim, sendo o homem o sujeito, é ele quem atua e figura na História e age em sociedade, produzindo

discursos que reforçam seu poder em relação às mulheres. Tais discursos demandam a criação de uma mulher genérica ou mulher tipo, no dizer de Hélène Cixous (2022), um modelo que deveria, ao mesmo tempo, representar todas as mulheres, sem distinção de raça, classe ou sexualidade, e servir de exemplo a ser alcançado.

Muito desse modelo se deve a um processo de biologização do social e socialização do biológico, mencionado por Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (2021). Assim, naturaliza-se as ideias construídas sobre as mulheres, colocando-as como próprias da biologia dos corpos femininos e, a partir disso, ditam-se comportamentos, normas sociais, modos de pensar e percepções que compõem ao mesmo tempo em que justificam as relações de dominação. Tem-se, então, o *habitus*, “lei social incorporada” (BOURDIEU, 2021), que acaba por ser reproduzido pelas instituições e mesmo pelos indivíduos, produzindo uma série de violências simbólicas, que atuam no sentido de manter a dominação simbólica nos termos desse mesmo autor.

Marilena Chauí (1985), por sua vez, compreende a violência como transformadora das diferenças em uma relação de desigualdades, de hierarquias entre os “sujeitos” e as “coisas”. Isso explicaria a construção de um discurso masculino sobre a mulher, não num sentido de um discurso proferido por homens versus um discurso produzido por mulheres, mas sim uma fala que vem “de fora” sobre as mulheres e cuja condição de possibilidade é o silenciamento dessas sujeitas (CHAUÍ, 1985). Essa origem única dos discursos, unida ao *habitus* e a violência simbólica produzida a partir dele, produz e reforça a ideia de uma mulher ideal, juntamente com a elaboração de um modelo de mulher a ser repudiado, que é a mulher desviante.

Levando em consideração o que foi discutido, o que se objetiva é contribuir para a história das mulheres, tendo como foco a análise dos discursos de violência veiculados no periódico *Correio de Aracaju*, entre 1906–1914. Nesse sentido, entende-se que esses discursos estariam amparados por todo um imaginário construído pelo patriarcado, constituído por múltiplas representações sobre as mulheres. Assim, o que se vê nos jornais são justamente as práticas de dominação pautadas nestas representações, com o direcionamento desta violência discursiva em relação às mulheres.

Contudo, entende-se que não é toda mulher que é alvo de tais discursos. Assim, apresenta-se outra intencionalidade desta pesquisa: compreender quais eram os “arquétipos” femininos para os quais se direcionavam as agressões dos jornais, e de que maneira as imagens dessas sujeitas iam de encontro ao estereótipo da “mulher ideal”.

### **Pesquisa qualitativa e método historiográfico**

Compreende-se que, como muito bem aponta Pedro Demo (1998), a ciência realiza um esforço constante para capturar uma realidade que é, de fato, caótica. Para tanto, apela-se para a sistematização, a atribuição de uma lógica, a qual, durante muito tempo foi relacionada às abordagens quantitativas. A pesquisa qualitativa, por outro lado, volta sua atenção para aspectos menos passíveis de sistematização, empreendendo um “esforço jeitoso de formalização perante uma realidade também jeitosa” (DEMO, 1998, p. 101). É uma perspectiva que beneficia o método da História, voltado para a investigação e compreensão de elementos do passado — acontecimentos, processos, discursos, normas, instituições etc. — para verificar as continuidades e rupturas ao longo do tempo (LAKATOS, MARCONI, 2010), as quais não podem ser somente compreendidas a partir de uma análise meramente quantitativa. Este entendimento aparece, inclusive, nas novidades epistemológicas impulsionadas pela Escola dos Annales, a partir de 1929, e que, ao longo dos anos, amplia-se mais ainda, com a proposição de novos métodos, perspectivas e problemas para o fazer historiográfico.

Nesse sentido de renovação, podemos contar com um conceito cunhado por Roger Chartier (1991; 2002) e importantíssimo para a História Cultural, vertente que orienta este trabalho: as representações sociais ou coletivas. Estas seriam instrumentos utilizados pelos indivíduos para produzir sentidos, significados, valores ao mundo que os rodeia. A partir das representações, então, são produzidas estratégias e práticas que ajustam o social a partir da perspectiva dominante e que se reproduzem nos múltiplos âmbitos sociais, tais quais a religião, a educação, a política (CHARTIER, 2002). Assim, as representações teriam força mobilizadora, construtora de legitimidade social (PESAVENTO, 2007), uma vez que seriam fundamentais para estabelecer relações de identidade-diferença, valores, códigos morais e outros elementos que não escapam à dimensão social e histórica em que foram construídos. Tal conceito alia-se, portanto, às estruturas de pensamento já apresentadas anteriormente, a saber, gênero e violência.

A partir das fontes para esta pesquisa — os jornais —, o procedimento metodológico em evidência é o da análise do discurso, a qual rejeita a noção de que a linguagem é meio neutro de descrever o mundo e entende o discurso como central na elaboração da vida em sociedade (GILL, 2015). O foco, portanto, é analisar os discursos e seu contexto, compreendendo as escolhas que culminam em sua elaboração, sua influência na construção do meio social, suas intencionalidades e sua natureza retórica e persuasiva. A partir dessa

análise, espera-se “tornar mais clara uma dada representação social, bem como o conjunto das representações que conformam um dado imaginário” (LEFÈVRE, LEFÈVRE, 2003).

### **Fontes para uma história das mulheres: perspectivas de ordem qualitativa**

Buscando definir melhor o conceito de pesquisa documental, Gil (2010) ressalta suas semelhanças e diferenças em relação à pesquisa bibliográfica. Considera, portanto, que a pesquisa documental se dá a partir de fontes com finalidades diversas, e ressalta, ainda, as novas delimitações sobre o que se considera um documento. Neste sentido, considera que, atualmente, entende-se como documento qualquer fonte que possa comprovar um fato ou acontecimento, podendo ser desde um documento institucional a até mesmo um depoimento oral, coletado a partir de entrevista.

As fontes que se almeja utilizar neste trabalho são justamente as edições do jornal *Correio de Aracaju*, compreendendo os anos de 1906 a 1914. Isto se dá porque, nas palavras de José D’Assunção Barros (2023, p. 11), os jornais são “importantes meios de comunicação, informação e produção de discursos”. Sua importância para esta pesquisa reside no fato de que, ao mesmo tempo, os periódicos retratam, elaboram, modificam, pedagogizam e interagem com a realidade e suas representações, tendo a palavra como reveladora das estruturas e dos sistemas que rodeiam e produzem os discursos (MINAYO, 1993). Assim, ao tratar sobre o *bello sexo*, o jornal expõe simultaneamente a sua visão e a da sociedade — pautada certamente pelo grupo dominante —, proporcionando que se conheça tanto suas intencionalidades quanto as normas, perspectivas e valores construídos e/ou mantidos naquela temporalidade e naquele contexto. Por isso, entende-se o jornal como sendo um *agente* e uma *fonte histórica* (BARROS, 2023).

Estando inserido em uma realidade, e sendo atravessado pelas representações, o jornal produz discursos passíveis de ser analisados, uma vez que estão vinculados a contextos e pontos de vista específicos, os quais influenciarão no conteúdo, no modo e na intencionalidade do texto. O trabalho do historiador, a partir da análise, consiste em tentar decifrar o que está por trás do escrito, evidenciando suas condições de produção e de veiculação (BARROS, 2023) e buscando dar conta das motivações por trás da “decisão de dar publicidade a alguma coisa” (LUCA, p. 140). Assim, além de buscar entender quem produz os discursos, importa saber para qual público eles são direcionados e por quê.

Além disso, vale mencionar a pluralidade de formatos e gêneros textuais que se pode encontrar em um único jornal. No *Correio de Aracaju*, por exemplo, vê-se notícias, editoriais, crônicas, poesias, anedotas, anúncios e outros vários tipos de texto que, para além da forma,

abordam assuntos de maneiras e perspectivas diferentes. Isto colabora para a pluralidade de possibilidades de análise historiográfica destas fontes, mas também, no caso desta pesquisa, ajuda a compreender como uma mesma representação pode ser veiculada de modos diferentes, e como se dá o seu reforço a partir destes discursos. Assim, por exemplo, a ideia de que a mulher deve ser sempre gentil pode muito bem ser defendida em um incisivo editorial, em um delicado poema de autor proeminente no período ou mesmo através da transcrição de um discurso proferido por um político. Mas deve-se ressaltar que, evidentemente, cada texto acrescentará algo diverso, sendo este outro ponto positivo dos jornais. É diferente analisar, por exemplo, a visão tida em uma anedota, em que muitas vezes é preciso ler nas entrelinhas, e a de uma notícia, mais direta e séria, tanto por conta do conteúdo em si como pela forma que a mensagem é transmitida. Nota-se, portanto, a importância de uma análise qualitativa para captar as entrelinhas, símbolos, subjetividades e intencionalidades (MINAYO, 1993) do discurso presente nos periódicos.

Como já dito, importa, também, inserir o jornal em um contexto, e analisá-lo a partir dali, ainda que isto signifique “acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos” (LUCA, p. 140). No caso do *Correio de Aracaju*, o período histórico que o rodeia é composto pela Belle Époque e pelo Brasil República que tinha sido proclamada apenas alguns anos antes. Era um momento em que efervescia o domínio médico e o higienismo, que se uniam às aspirações pela modernidade e pela civiltude e acabaram por influir não apenas nas cidades, mas também nas vidas humanas e no imaginário coletivo. O século XX, embora chamado de “século das mulheres” (PEDRO, PINSKY, 2020), foi pautado por representações que norteavam as figuras femininas com base no discurso médico, na modernidade e, não menos importante, nas necessidades da nova República. Os jornais, portanto, eram mecanismos para divulgar tais discursos, reforçar normas sociais direcionadas às mulheres e orientá-las em seu papel para com o regime republicano, e faziam isso a partir dos variados gêneros textuais disponíveis. E o *Correio de Aracaju*, sendo um periódico declaradamente republicano, buscava atender a esta agenda.

A partir destas considerações, entende-se que o jornal é uma fonte plural em seu cerne, podendo ser operacionalizado de múltiplas formas e a partir de perspectivas diversas. No entanto, tendo em vista que analisaremos o período entre 1906 e 1914, é preciso atentar para os limites e possibilidades da pesquisa. O *Correio de Aracaju* entrou em circulação em 24 de outubro de 1906, abrangendo a cidade de Aracaju e outras para as quais as edições eram enviadas a pedido dos leitores. Durante o primeiro ano, era publicado semanalmente, mas a partir de 1907 passou a circular em dois dias da semana, mudando sua periodicidade em

1909, quando o número de edições publicadas passa a três, com promessas de se tornar diário assim que fossem providenciados os materiais para tal (CORREIO DE ARACAJU, 1 jan. 1911, p. 1). Em suas edições figuravam notícias, anedotas, crônicas, anúncios comerciais, artigos de opinião, telegramas de outras cidades e estados do Brasil, e diversos outros gêneros textuais.

Com tantos tipos de textos disponíveis, e uma quantidade ainda maior de números publicados por ano, é de extrema importância reduzir o escopo da pesquisa, de modo que esta seja viável. Assim, o que se colocará em evidência são as anedotas, poemas, contos, além da seção “Pensamentos” — dedicada a frases de pensadores conhecidos e anônimos — e, dependendo de sua relevância, notícias. Todos os números que serão consultados se encontram no repositório virtual do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE).<sup>3</sup>

A metodologia consistirá na investigação dos jornais visando identificar as expressões-chave e compreender suas respectivas ancoragens, sendo as primeiras trechos do discurso que revelem a essência do conteúdo discursivo, e as últimas as manifestações discursivas de uma dada ideologia ou crença professada pelo autor — ou autores — do discurso (LEFÈVRE, LEFÈVRE, 2003), associando-se à ideia de representações, já exposta neste artigo. Mas para além da pluralidade de representações, espera-se evidenciar os discursos violentos direcionados às mulheres. A partir daí, visa-se a leitura e interpretação dos textos encontrados, em consonância com a análise do contexto em que estes se inserem, além da busca pelo entendimento de como um texto se articula com outros na construção de uma rede de significados e de um imaginário coletivo complexo.

Trabalhos como o de Augusto Petrônio Pereira<sup>4</sup>, Aline Rabelo<sup>5</sup> e Dulcília Buitoni<sup>6</sup> adotam semelhante abordagem metodológica. É possível ver, nos trabalhos dos autores em questão, como as mulheres são representadas em diversos formatos e gêneros literários presentes nos jornais, como as representações se associam com a cultura e a sociedade dos períodos investigados, além de ser possível reconhecer as classes produtoras e as classes receptoras de tais representações. No entanto, os trabalhos possuem evidentes lacunas, provenientes

---

<sup>3</sup> Site do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), em parceria com a Universidade Federal de Sergipe (UFS): <https://jornaisdesergipe.ufs.br/>

<sup>4</sup> PEREIRA, Augusto Petrônio. **As ofensas verbais contra mulheres no Sergipe oitocentista** : uma abordagem léxico-semântica. 2020. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

<sup>5</sup> RABELO, Aline Augusta Rocha. **Gracejando as filhas de Eva: a mulher burguesa em anedotas oitocentistas**. Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: 2015.

<sup>6</sup> BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.

da própria natureza das fontes. Assim, entende-se que, sendo escritos por e para uma determinada classe, pouco ou nada se vê as mulheres da classe trabalhadora nos discursos encontrados. Além disso, sendo os discursos elaborados e reproduzidos por homens, também é difícil encontrar nos periódicos a opinião das mulheres a respeito do que era escrito sobre elas. Isto, porém, permite que se veja a extensão e a força da dominação masculina, que silencia as personagens femininas ao mesmo tempo em que estabelece, para a sociedade, um modelo único de mulher, o qual desconsidera diferenças de classe, raça, idade, sexualidade e outras variáveis.

### **Um exemplo prático: análise de um recorte do jornal**

Tendo em vista os pontos expostos anteriormente, e visando elucidar de forma prática como se pretende realizar as análises propostas, trazendo um recorte do Correio de Aracaju, do ano de 1911. Opta-se, inclusive, por escrever o texto na íntegra, mantendo a grafia original. Vejamos:

#### **A mulher e a música**

Diz um psychologo... musical:

Se a mulher manifesta uma predileccão notavel por Strauss, ella é frivola; por Beethoven, é impertinente; por Listz, é ambiciosa; por Verdi, é em extremo sentimental; por Mozart, é estouvada; por Vagner, é maluca.

Pode dizer-se afoitamente: dize-me a musica de que gostas, dir-te-ei quem és.

(CORREIO DE ARACAJU, N.573 12 jul. 1911, p. 2)

Neste texto, o primeiro ponto a chamar a atenção é que todas as características atribuídas às mulheres, independentemente do músico de sua preferência, são negativas. Frivolidade se refere ao inútil ou mesmo ao fútil, sem valor, e se une ao extremo sentimentalismo como um traço atribuído tipicamente à mulher. Lembremos que as mulheres, estando no papel de Outro do homem, são representadas como o oposto do que ele é e como aquilo que ele não quer ser. Assim, ao colocar a mulher como “frívola”, estabelece-se que o homem não o é, que tudo que ele faz e produz é útil, sério e importante. Vale lembrar, ainda, que para que essas representações se mantivessem era necessário a atuação de múltiplas instituições e saberes nesse sentido. Daí vem que o discurso médico da época pintava a mulher como frágil e emotiva (SOIHET, 2004), além de coordenada pelos influxos do corpo, do útero, que afetaria seu raciocínio e julgamento moral (ROHDEN, 2001). Esta ausência de pensamento lógico também pode ser vista no mesmo texto, aliás, quando se diz que a mulher que aprecia ouvir Mozart é estouvada, ou seja, inconsequente, pouco cuidadosa.

Avançando na análise, temos também outros termos: impertinência é sinônimo para falta de respeito ou inconveniência, enquanto a ambição pode estar ligada à cobiça,

condenada há muitos séculos pelo pensamento cristão como um pecado capital. Entende-se, a partir daí, a presença ainda marcante da Igreja e de seus dogmas e valores na vida social, atingindo especialmente o campo das representações sobre as mulheres. Além disso, a “impertinência” anteriormente citada também ia de encontro ao pensamento cristão, na medida em que a Igreja e várias passagens da Bíblia pregavam que a mulher deveria, de fato, ser submissa ao marido, além de viver para procriar e, em seguida, servir aos filhos em seu papel de mãe (PEDRO, 2004). Este pensamento era, evidentemente, também sustentado pelo discurso médico do período, o qual tinha a estrutura biológica feminina como atestado incontestado de sua obediência natural e de seu destino incontornável para a maternidade (ROHDEN, 2001).

Por fim, também se tem a delimitação de que a mulher que ouve Vagner é maluca. Deixando de lado a avaliação das habilidades do músico mencionado, importa compreender que também o discurso médico tem algo a dizer sobre a “maluquice” ou “loucura” feminina. Esta advinha também do corpo da mulher, sujeito aos sangramentos e mal-estares que a colocavam na posição de eterna enferma, podendo inclusive ser acometida pela histeria, doença caracterizada principalmente por uma sexualidade exacerbada que escapava ao controle do médico (ENGEL, 2004). No entanto, questionamos: em que medida esta “loucura” feminina era realmente doença? E em que medida se atribuía a designação de “loucas” às mulheres que meramente optavam por não obedecer aos desmandos da sociedade patriarcal?

Nota-se, também, que o final da notícia tem caráter geral, aplicando-se tanto ao gênero feminino quanto ao masculino, apesar de o restante do texto se referir à mulher. Ora, sendo assim, o mais apropriado não seria “dize-me, *mulher*, a música de que gostas, dir-te-ei quem és”? Isto porque, evidentemente, o juízo de valor presente nessas linhas não é indiscriminado, mas sim tem um direcionamento e, potencialmente, uma intenção. Pode-se argumentar, portanto, que o texto analisado é um discurso de violência na medida em que, simbolicamente, se utiliza das representações existentes sobre a mulher para colocá-la em posição desigual, de subordinação perante o homem e no posto de “desviante” perante as normas sociais que a visavam controlar. As mulheres se tornam, nessa ótica, elementos a quem se pode atribuir juízos de valor, incapazes de rebater estes discursos e, por conseguinte, de combaterem a dominação masculina a que estão submetidas.

Por fim, devemos nos questionar sobre a capacidade que um discurso como o apresentado teria de coordenar ou moldar o comportamento feminino a partir das representações do que seria uma “mulher ideal” e uma “mulher desviante”. No caso exposto,

muito provavelmente o comportamento ideal seria justamente parar de ouvir a obra dos músicos mencionados, já que nenhum deles se relaciona a contento com as características das mulheres respeitáveis. Essa é, portanto, mais uma camada da violência contra a mulher: o uso dos discursos como mecanismos disciplinadores, visando educá-las e restringi-las com a finalidade de que não apresentassem comportamentos considerados desviantes — comportamentos estes que, vale lembrar, não eram problemáticos caso fossem praticados pelos homens.

### **Considerações finais**

A pesquisa qualitativa se mostra alternativa metodológica importantíssima para o estudo das rupturas e continuidades nas sociedades e culturas diversas, a partir de uma análise de fontes que não se restringe a uma quantificação dos elementos descobertos. Com a análise dos discursos investigados nos jornais, a partir da perspectiva da pesquisa qualitativa, torna-se possível compreender as representações tidas sobre as mulheres, sua relação com o momento histórico em que estavam inseridas, além de como e para quê elas eram operacionalizadas na sociedade.

O que a pesquisa qualitativa permite, no que se trata deste trabalho, é que uma mera quantificação não seja tudo o que se pode extrair da fonte histórica. A interpretação e a análise tornam-se imprescindíveis para entender as nuances dos discursos, algo que os números não poderiam fazer. Caso resolvêssemos, por exemplo, estudar a questão da violência a partir de abordagens quantitativas, poderíamos chegar à conclusão — incorreta, aliás — de que ela era muito menor no período estudado, uma vez que a própria palavra “violência” e outras a ela relacionadas pouco aparecem nas páginas dos jornais. Não se consideraria violência, portanto, uma anedota em que um genro diz que preferia que a sogra estivesse morta, ou outra em que a esposa se queixa de apanhar do marido, antes um homem amoroso. Tampouco a notícia anteriormente apresentada seria analisada e entendida como um discurso de violência. Com as pesquisas, ponderações teóricas e análises atuais a respeito da mulher na história, além dos entendimentos sobre violência e representação, essas piadas, notícias, frases de efeito ou poemas podem ser lidas e entendidas, justamente a partir de uma perspectiva qualitativa, como parte de um conjunto de violências simbólicas, mais ou menos sutis a depender do contexto, mas que certamente influenciam ao mesmo tempo em que eram influenciadas pelo meio social.

A análise qualitativa, portanto, é uma metodologia que se alia perfeitamente aos novos postulados da História, permitindo não apenas novas perspectivas em relação às fontes, mas

também em relação ao objeto. Amplia, assim, as possibilidades de análise, oferecendo os recursos e o suporte teórico e metodológico necessários a esta operação — que, longe de ser mera interpretação de texto, é uma possibilidade de compreensão de uma realidade que está no passado, mas que muito se associa com nosso presente.

## Referências

- BARROS, José D'Assunção. O jornal como fonte histórica. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 19a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abril, 1991. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. "Participando do Debate sobre Mulher e Violência". In: Franchetto, Bruna, Cavalcanti, Maria Laura V. C. e Heilborn, Maria Luiza (org.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher* 4, São Paulo, Zahar Editores, 1985.
- CIXOUS, Hélène. O riso da medusa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa - Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. *Revista latino-americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, 1998. <https://doi.org/10.1590/S0104-11691998000200013>
- ENGEL, Magali. *Psiquiatria e feminilidade*. In PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. 7a ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. Editora Atlas, São Paulo, 5a ed., p. 25 - 43, 2010.
- GILL, Rosalind. *Análise do discurso*. In: BAUER, M. W., GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti, LEFÈVRE, Fernando. *Princípios básicos e conceitos fundamentais do discurso do sujeito coletivo*. In: *Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- LUCA, Tânia Regina de. *História nos, dos e por meio dos periódicos*. In PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2010.
- MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. *Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?* *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300002>
- PEDRO, Joana Maria Pedro, PINSKY, Carla Bassanezi. *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROHDEN, Fabíola. Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. <https://doi.org/10.7476/9788575413999>

SAFIOTTI, Heleieth. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil para a análise histórica". Educação e Realidade. Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul./dez., 1992.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil. 7a ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Fonte histórica

Correio de Aracaju, Anno V, N. 573, 12 de julho de 1911, p. 2.